

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS- CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTORIA (FACHTO)

**ROSANA LOUZADA DA SILVA**

**A CABANAGEM NO CONTEXTO DO LIVRO DIDÁTICO  
ABORDADO EM SALA DE AULA**

Cametá / Pará

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTORIA (FACHTO)

**ROSANA LOUZADA DA SILVA**

**A CABANAGEM NO CONTEXTO DO LIVRO DIDÁTICO ABORDADO EM SALA  
DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de História - FACTHO /UFPA - Campus Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

Cametá

2014

**ROSANA LOUZADA DA SILVA**

**A CABANAGEM NO CONTEXTO DO LIVRO DIDÁTICO ABORDADO EM SALA  
DE AULA.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. MSc. Tatiane do Socorro Correa Teixeira**  
**Avaliadora**

---

**Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Junior**  
**Avaliador**

---

**Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**Orientadora**

Cametá- Pará

2014

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por estar em todos os momentos da minha vida ao meu lado.

A minha mãe, Maria Rosinete, ao meu pai, Raimundo Monteiro, aos meus irmãos, Rosângila e Raimundo que nunca deixaram de me incentivar.

Aos meus amores da minha vida meus filhos Guilherme e Kamilly e meu esposo Jailson pela compreensão, paciência e pela força que me deram.

A professora Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto que esteve disponível a todo o momento nas minhas orientações.

Aos amigos Natiane, Max, Pedro, Adalto, Marilex e Leilane, que durante a minha graduação não mediram esforços para me ajudar nos momentos difíceis, e também a minha amiga e irmã Rosângila, obrigada pelos textos.

A Edivane, meus agradecimento pela formatação dos meus trabalhos. A minha amiga e comadre Aparecida e minha colega Jaciele que me auxiliaram a conseguir os materiais para meu trabalho de conclusão de Curso.

A todos os colegas de curso de História por esses quatro anos que passamos juntos adquirindo conhecimentos.

Agradeço de forma especial a minha professora do primário, Leila Cristina de Diniz, que me fez acreditar na minha capacidade e seguir meus sonhos, acreditou em mim e sempre esteve ao meu lado apoiando, incentivando e me ajudando a superar os obstáculos da vida.

Aos funcionários da UFPA, principalmente, a dona Gorete, agradeço pelos cafés, e a Tati da Xerox, que me ajudou vendendo apostila a prestações. Muito OBRIGADA! Ao Romulo da Faculdade de História, que sempre me atendeu com atenção e aos vigilantes do campos que guardavam a minha sombrinha sempre que esqueci. E a todos os professores da FACHTO meus agradecimentos especiais.

## RESUMO

Este trabalho analisa a cabanagem no livro didático em sala de aula, visando entender como a história da cabanagem é apresentada no livro didático e as implicações que levaram o povo cametaense a se identificar com a construção da leitura da Cabanagem. Para tanto, buscou-se auxílio teórico metodológico através de autores, cujos estudos privilegiam o movimento Cabano, dentre os quais se destaca: TAMER (1998), PASQUALE (1986) e DAVIES (2009), RAIOL (1865), RICCI (2006), PINHEIRO (2009), MEDICI (1999). Além, da análise de alguns livros didáticos, que foram publicados nos anos 1995, 2000, 2005 e 2008. Que são destacados a seguir: “Coleção Panorama da História”, 1ª edição, Ensino médio, volume dois, da Editora Positivo, 2005. Esta obra é organizada pelos autores Elaine Senise Barbosa, Newton Nazaro Junior e Silvio Adegas Pêra, ambos da PUCSP (SP); Coleção pelos caminhos da História”, 1ª edição, Ensino Médio, Paraná, volume II, da Editora Positivo, 2005, de autoria de Adhemar Marques, formado em História pela Universidade Católica de Minas Gerais; “Escrita da História”, volume único. 1ª Edição São Paulo, Editora Escala educacional, 2005, organizado pelos autores Flavio de Campos, professor do departamento de História da Universidade de São Paulo, e Renan Garcia Miranda, professor de História das redes públicas e privadas de Ensino Médio; “Pará e suas Trilhas Históricas. Ensino Fundamental, Editora Base. Curitiba. 2008, de autoria de Doralice Coelho Araújo, natural de Alenquer, formada em letras pela UFPA e pós graduada em Educação pela (UNICAMP); “Você é a História”, Ensino Fundamental, 1ª edição, 1995, dos autores Rubim Aquino, Oscar Aquino e Maria Emília, não são apresentados pelo livro como tendo alguma formação e nem a área em que trabalham. O sexto livro escolhido foi “História” volume único. 1ª edição, Ensino Médio, São Paulo, Editora Ática, 2005, de autoria de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi. Ela Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora universitária, pesquisadora e ex- professora do ensino fundamental e médio nas redes pública e privadas. E Reinaldo, bacharel em língua portuguesa pela faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da universidade de São Paulo e em jornalismo pelo instituto metodista de ensino superior. Editor especializado na área de história. Com a finalidade de conseguir mais dados sobre a Cabanagem em Cameté foi realizado um rápido levantamento de dados no Museu Histórico de Cameté Raimundo Penafort de Sena e na Biblioteca Municipal de Cameté, para verificar quais os documentos históricos existentes nestes locais que narram ou registrem alguma coisa sobre a cabanagem. Como uma das fontes trabalhadas foi a oralidade. Da mesma forma, foram realizadas entrevista com alguns escritores, compositores, professores, alunos e moradores mais velhos da cidade de Cameté, para entender as percepção que este tem a respeito da Cabanagem em Cameté. A pesquisa percebeu que a cabanagem é apresentada no livro didático de forma bastante resumida, deixando de abordar os fundamentos que discorre acerca do período regencial e seus agentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** O Livro Didático, Cabanagem, Cameté.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>PROFESSORES E LIVROS DIDÁTICOS: O DEBATE EM TORNO DO ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 LIVROS DIDÁTICOS: INSTRUMENTOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 NOVAS FORMAS DE ABORDAR O ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A ABORDAGEM DA CABANAGEM EM CAMETÁ.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1. O MOVIMENTO CABANO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE A CABANAGEM EM CAMETÁ.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>A CABANAGEM E O LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA CABANAGEM.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2. PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO: A CABANAGEM EM FOCO.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa se propõe a discorrer acerca da importância do movimento histórico da cabanagem no Pará visando analisar como esta temática está sendo abordada em sala de aula através do livro didático.

A revoltada Cabanagem ocorreu em 1835 na província do Grão-Pará (atual Pará e Amazonas), em um contexto histórico em que as precárias condições de vida e de trabalho decorrentes de uma economia baseada nas drogas do sertão e na pesca foram os motivos norteadores para esta revolta. A força de trabalho era composta por escravos negros, mestiços e índios, e principalmente mão escrava indígena a qual eram submetidos a viver num regime de semi-escravidão e morar em cabanas a margem do rio (TAMER, 1998,p.28)

O presente estudo procurará mostrar a importância da cabanagem enquanto revolução popular mais importante da Amazônia e entre as mais significativas da História do Brasil. Na tentativa de ressaltar como essa revolta está sendo discutida em sala de aula pelo livro didático, optou-se por essa temática por ser ainda pouco discutido em sala de aula, tanto por professores de nível fundamental quanto do nível médio. Vale ressaltar que existe uma deficiência nos livros didáticos no tange as discussões sobre a cabanagem, quando abordados os temas são poucos explorados obrigando os professores a buscar outros meio de obtenção do assunto.

Daí o interesse de estudar mais este tema na perspectiva de verificar como o mesmo vem sendo trado em sala de aula através do livro didático na tentativa de colaborar para que a temática cabanagem se torne cada vez mais objeto de análise para novos estudiosos. E assim novos olhares e pensares sobre as camadas populares possam ir além de massa passivas, obedientes ou então supersticiosas, irracionais (DAVIES, 2009)

Para Victor Tamer, o processo da Cabanagem, o descontentamento coletivo redundou numa revolta popular que exigia a demissão dos portugueses que ainda ocupavam cargos na administração pública e também do presidente da junta que era o coronel Giraldo José de Abreu, a quem se incriminava de inimigos da independência (TAMER, 1998).

Pasquale Di Paolo em seu estudo faz uma nova abordagem acerca da cabanagem, afirmando que os “homens das cabanas” chegaram ao governo e ao poder, mostrando a exigência de novos estudos (DI PAOLO,1986,p.366).Enquanto, Domingos Antônio Raiol, foi um dos autores de maior referencia neste assunto, com o primeiro trabalho, “Motins políticos”,escrito a partir de documentação manuscrita existente nos arquivos do Pará e do Rio de Janeiro. Aabordagem de Raiol, que viu seu próprio pai e outras autoridades serem atacadas

pelos cabanos na vila de Vigia, recolhe e valoriza a fala da repressão, em detrimento da fala dos rebeldes(RAIOL,1865 )

Meu interesse pelo tema se deu através de leituras e debates de textos em sala de aula, no decorrer das disciplinas de Historia aplicadas ao Ensino Médio e Historia aplicada ao Ensino Fundamental, ministradas pelos professores Benedita Celeste Pinto e José do Espírito Santo, que discutiam assunto relacionado as camadas populares nos livros didáticos. A partir daí observei que o assunto Cabanagem está praticamente ausente dos livros didáticos, levando-se em consideração que esse movimento, ocorrido na Província do Grão-Pará, nos anos de 1835 e 1840, teve grande importância nesta província e no Brasil, no qual Cameté também teve participação. Desta forma, surgiu o presente estudo com a intenção de analisar como esta temática está sendo abordada em sala de aula através do livro didático. E assim poder compreender as várias vertentes existentes desse movimento em relação inclusive à cidade de Cameté (RICCI, 2006)

Para tanto, busquei auxilio teórico metodológico através de vários autores, que de forma reflexiva, analítica e teórica me ajudaram entender questões conceituais sobre o movimento Cabano, dentre os quais se destaca: Victor Tamer (1998), Pasquale (1986) e Nicholas Davies (2009), Domingos Antonio Raiol (1865), Ricci (2006), Pinheiro (2009), Medici (1999), além da análise de alguns livros didáticos, que foram publicados nos anos 1995,2000, 2005 e 2008, que são destacados a seguir: “Coleção Panorama da Historia”,1ª edição, Ensino médio, volume dois, da Editora Positivo, 2005. Esta obra é organizada pelos autores Elaine Senise Barbosa, Newton Nazaro Junior e Silvio Adegas Pêra, ambos da PUCSP (SP);Coleção pelos caminhos da História”, 1ª edição, Ensino Médio, Paraná, volume II, da Editora Positivo, 2005, de autoria de Adhemar Marques, formado em História pela Universidade Católica de Minas Gerais;“Escrita da História”, volume único. 1ª Edição São Paulo, Editora Escala educacional, 2005, organizado pelos autores Flavio de Campos, professor do departamento de Historia da Universidade de São Paulo, e Renan Garcia Miranda, professor de História das redes publicas e privadas de Ensino Médio;“Pará e suas Trilhas Históricas. Ensino Fundamental, Editora Base. Curitiba. 2008, de autoria de Doralice Coelho Araújo, natural de Alenquer, formada em letras pela UFPA e pós graduada em Educação pela (UNICAMP);“Você é a História”,Ensino Fundamental, 1ª edição, 1995, dos autores Rubim Aquino, Oscar Aquino e Maria Emília, não são apresentados pelo livro como tendo alguma formação e nem a área em que trabalham.O sexto livro escolhido foi“História” volume único.1ª edição, Ensino Médio, São Paulo, Editora Ática,2005, de autoria de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi.Ela Mestre em História Social pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo. Professora universitária, pesquisadora e ex- professora do ensino fundamental e médio nas redes pública e privadas. E Reinaldo, bacharel em língua portuguesa pela faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da universidade de São Paulo e em jornalismo pelo instituto metodista de ensino superior. Editor especializado na área de história. O contato com essas leituras que auxiliaram no entendimento de como as camadas populares está sendo abordado no tanto nos livros didáticos antigos quanto nos mais atualizados.

Portanto, o presente estudo foi constituído da pesquisa bibliográfica. Conforme afirma Marconi (2001), este tipo de pesquisa, caracteriza-se pelo levantamento bibliográfico já publicado em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita (documentos eletrônicos). E sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo da análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações (MARCONI, 2001).

Além da pesquisa bibliográfica, com a finalidade de conseguir mais dados sobre a Cabanagem em Cametá, fiz um rápido levantamento de dados no Museu Histórico de Cametá (Raimundo Penafort de Sena) e na Biblioteca Municipal de Cametá, para verificar quais os documentos históricos existem nestes locais que narram ou registrem alguma coisa sobre a cabanagem. Uma das fontes mais utilizadas foi a oralidade. Da mesma forma, também conversei sobre o assunto em questão com alguns escritores, compositores, professores, alunos e moradores mais velhos da cidade de Cametá, para entender a percepção que estes tem a respeito da Cabanagem em Cametá.

Contudo, a fonte principal deste estudo foi a bibliográfica, juntamente com a fonte oral e também dando evidência a análise de seis livros didáticos, que foram publicados entre os anos de 1995 a 2008, que são destacados a seguir: “Coleção Panorama da História”, 1ª edição, Ensino médio, volume dois, da Editora Positivo, 2005. Esta obra é organizada pelos autores Elaine Senise Barbosa, Newton Nazaro Junior e Silvio Adegas Pêra, ambos da PUCSP (SP); Coleção pelos caminhos da História”, 1ª edição, Ensino Médio, Paraná, volume II, da Editora Positivo, 2005, de autoria de Adhemar Marques, formado em História pela Universidade Católica de Minas Gerais; “Escrita da História”, volume único. 1ª Edição São Paulo, Editora Escala educacional, 2005, organizado pelos autores Flavio de Campos, professor do departamento de História da Universidade de São Paulo, e Renan Garcia Miranda, professor de História das redes públicas e privadas de Ensino Médio; “Pará e suas Trilhas Históricas. Ensino Fundamental, Editora Base. Curitiba. 2008, de autoria de Doralice

Coelho Araújo, natural de Alenquer, formada em letras pela UFPA e pós graduada em Educação pela (UNICAMP); “Você é a História”, Ensino Fundamental, 1ª edição, 1995, dos autores Rubim Aquino, Oscar Aquino e Maria Emília, não são apresentados pelo livro como tendo alguma formação e nem a área em que trabalham. O sexto livro escolhido foi “História” volume único. 1ª edição, Ensino Médio, São Paulo, Editora Ática, 2005, de autoria de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi. Ela Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora universitária, pesquisadora e ex- professora do ensino fundamental e médio nas redes pública e privadas. E Reinaldo, bacharel em língua portuguesa pela faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da universidade de São Paulo e em jornalismo pelo instituto metodista de ensino superior. Editor especializado na área de história.

O presente estudo está constituído em três capítulos. O primeiro capítulo, **Professores e Livros Didáticos: o debate em Torno do Ensino de História**, a proposta deste capítulo é de analisar livros didáticos, de que forma a produção didática vem ocorrendo, no sentido de atender as exigências do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no que diz respeito a clareza, integração com atividades e imagens, além da exigência ao combate ao preconceitos etno-raciais de acordo com o estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (SCHIMIDT, 2009). Faz relações de como abordar novas formas de ensino de história. Evidenciando métodos de como se trabalhar a cabanagem.

O segundo capítulo, **A Abordagem da Cabanagem na Região Do Baixo Tocantins**, faz uma análise sobre o movimento cabano, pondo seus principais acontecimentos ocorridos na Província Grão Pará. Faz relação da construção da memória cabana, fatos esses deixados na memória cametaense.

O terceiro capítulo, **A Cabanagem e o Livro Didático**, apresenta a contextualização da cabanagem. E faz a relação do movimento cabano, enfatizando seus principais autores, que trabalham a cabanagem como: Domingos Antonio Raiol, Bezerra Neto, Magda Ricci, Vicente Salles e Victor Tamer. E faz a relação que o professor tem com o livro didático, tanto de carência e dificuldade no que discorre a temática cabanagem no livro didático.

A pesquisa percebeu que a cabanagem é apresentada no livro didático de forma bastante resumida, deixando de abordar os fundamentos que discorre acerca do período regencial e seus agentes. Vale ressaltar que com todos essas deficiências do livro didático no que diz respeito a abordagem a respeito da cabanagem, deixando a cargo do professor o papel de investigar esse movimento ocorrido no século XIX e transformar o resultado para sua pesquisa em material didático propicio para trabalhar com seus alunos em sala de aula.

## **CAPÍTULO I**

### **PROFESSORES E LIVROS DIDÁTICOS: O DEBATE EM TORNO DO ENSINO DE HISTÓRIA**

## 1.1. LIVROS DIDÁTICOS: INSTRUMENTOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS

O livro didático há muito tempo é utilizado pelo professor. É dele que se tira todo o conteúdo que vai ser utilizado em sala de aula, muito pouco se utiliza através de outros meios de pesquisa em sala de aula. Assim, se percebe como é grande a importância do livro didático como instrumento, como ferramenta a ser utilizada em sala, embora ainda haja muitas discussões que dizem respeito desde a forma de escolha dos mesmos, do seu conteúdo, entre outros. Diante de toda importância e dos muitos questionamentos existentes acerca do livro didático, a proposta deste capítulo é a de analisar livros didáticos, em sistema de comparação, para tentar verificar de que forma as mudanças (se houveram) com relação a produção didática vem ocorrendo, no sentido de atender as exigências do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) atendendo o edital 2010, nos aspectos: clareza, integração com atividades e imagens, além da exigência ao combate ao preconceitos etno-raciais de acordo com o estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (SHIMIDT, 2009).

A cabanagem nos livros didáticos de ensino médio mais antigos pouco nos mostra sobre a revolta dos cabanos verifica-se que a mesma apenas é citada em meio as outras revoluções que ocorrem no Brasil no período imperial, o que revela o empobrecimento sobre este importante movimento. A revolução dos cabanos foi um movimento histórico de conquista do poder que foi caracterizado pela ruptura com os padrões do estado e pela abertura de novos horizontes políticos e sociais. Isso revela que a cabanagem, de fato, não foi um acontecimento histórico isolado nem um simples episódio político territorial de horizontes locais, mas constitui, numa abordagem histórica global, um profundo movimento cultural, que ficou relacionado com as correntes do pensamento revolucionário da Europa e América da segunda metade do século XVIII (RICCI, 2006).

Nos livros didáticos mais atuais há uma abordagem mais ampla sobre a Cabanagem, pode-se observa em sua análise que já aparece a participação das camadas populares de forma mais ativa nessa história, o que não é possível ver nos livros mais antigos, essas camadas parecem passivas, obedientes ou como irracionais (DI PAOLO, 1986).

O historiador Caio Prado Junior observou na obra *Evolução Política do Brasil* (1975), que Cabanagem é

“um dos mais, se não o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder dentro de

uma Província com certa estabilidade. Apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza, fica-lhe, contudo, a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva do poder”. (PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política da Brasil e Outros Estudos*. 9. Ed. .São Paulo: Brasiliense, 1975)

Até hoje os livros didáticos são influenciados pelos livros de Caio Prado, por suas obras mostrarem como mesmo autores marxistas ou progressistas excluem ou diluem a participação popular na história, adotando uma postura em muitos aspectos coincidentes com a história elitista.

Os livros didáticos analisados, “Coleção Panorama da História” (2005), de Elaine Senise Barbosa, Newton Nazaro Junior e Silvio Adegas Pêra; “Coleção Pelos caminhos da História” (2005), de Adhemar Marques; “Escrita da História (2005), de Flavio de Campos; “Pará e Suas Trilhas Históricas” (2008), de Doralice Coelho Araújo; *Você é a História* (1995), de Rubin Leão, Maria Emilia e Oscar Aquino; e “História (2005), de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, apresentam alguns aspectos em comum. É possível destacar que todos os autores trabalharam “A Cabanagem” fazendo uma História de cima para baixo, ignorando a experiência histórica dos sujeitos comuns, cuja abordagem se fundamenta em Motins Políticos ou a História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835 (1970), de Domingos Raiol, “clássico do estudo da cabanagem, que afirma ter sido essa revolução, o resultado da falta de instrução pública no Pará” (PERREIRA, 2011).

Os livros didáticos analisados não apresentam “A Cabanagem”, com base em outras perspectivas além do olhar tradicional, consagrado pela classe dominante. Podemos perceber nos livros que os conteúdos estão extremamente reduzidos é possível perceber que não só a Cabanagem, mas todos os eventos ocorridos no século XIX, em que o povo questionou o poder vigente de diversas formas, são nitidamente ocultados ou quando citados, são apresentados de forma reduzida e de acordo com as premissas dos vencedores, ou seja, de forma preconceituosa e pejorativa associando a perversão e a criminalidade, os personagens históricos que lutaram contra o arbítrio e a exploração (DEVIES, 2009).



Imagem 01: Perfil do cabano Paraense (1940), de Alfredo Norfini. Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiab/cabanagem.htm>. Essa imagem ilustra a obra *Pará e Suas Trilhas* de Doralice Coelho (2008).

As imagens percebidas no livro didático são as que retratam o perfil do cabano. Retratam-no como violento, cruel e sanguinário. É relevante considerar que a maioria dos livros analisados foi elaborada por historiadores ou por outros educadores com formações em outras áreas do conhecimento científico da região Sul do Brasil, apenas um foi confeccionado por uma historiadora formada na região Amazônica.



Imagem 02: Típica cabana rústica que deu nome á cabanagem. Fonte: [http|| www. Brasilecola.com/historiab/cabanagem.htm](http://www.Brasilecola.com/historiab/cabanagem.htm) apud AZEVEDO E SERIACOPI, livro Didático História(2005).

A imagem acima mostra as cabanas onde se refugiava dos seus opressores. Os demais livros analisados também só citam a revolução Cabana, a partir de um olhar tradicional, trazendo o cabano como aquele personagem que vive em casas de palha, povo pobre e humilde, ou destacando-os em meio as outras revoluções no período regencial, mostrando pouco o porquê dos objetivos da Cabanagem. E muito menos evidencia a participação de Cameté nesse processo histórico. Como nos mostra o fragmento a seguir:

A província do Grão Pará viveu, na primeira metade do século XIX, grandes conturbações internas. Em 1822, sua junta governativa levantou contra a Independência. Nos anos sucessivos, a província tornou-se palco de grandes disputas pelo poder entre o governo imperial e as elites regionais. Em 1832, a tensão era tão grande que o presidente da província, nomeado pela regência, não conseguiu assumir o cargo...]

Como grande parte dessas pessoas era pobre e morava em cabanas, na beira de rios e igarapés, o movimento ficou conhecido como cabanagem, e seus integrantes como cabanos.(AZEVEDO E SERIACOPI,2005p.316)

Esse distanciamento, o tradicional desconhecimento sobre a História da Amazônia e, sobretudo com relação á História do Pará, podem estar entre as causas que provocam tantas discrepâncias no conteúdo dos livros didáticos, em relação aos trabalhos da historiografia regional, que oferecem pesquisas muito interessantes com variadas perspectivas históricas, cujos autores são reconhecidos pelas inúmeras publicações locais e no âmbito nacional (FERREIRA,2006).

Um desses trabalhos regionais sobre a cabanagem é a monografia do professor Mario Medice Costa Barbosa, onde mostra em seu trabalho a construção da memória historiográfica da cabanagem e põem detalhes sobre a cidade de Cametá, como a participação das autoridades, dos mitos e símbolos e também ressalta a memória como imaginário coletivo do mito do padre Juiz Militar, presente na memória cametaense.( MEDICE, 1999).

Outro aspecto importante que percebemos nos livros didáticos analisados foi a ausência de qualquer referência sobre a participação das mulheres no movimento cabano, como se os participantes desse evento, fossem todos os homens, sendo que essas mulheres foram a favor e contra o movimento cabano. Entretanto, apesar da supremacia masculina, existem indícios de que as mulheres participaram da Cabanagem de várias formas (FRREIRA, 2006).Se observada, assim, que foi reservado pouco ou nenhum espaço às mulheres, como se a Cabanagem tivesse sido uma construção resultante somente da ação do homem. Neste sentido, se faz importante ressaltar que a historiadora Eliana Ramos Ferreira, é pioneira em tratar da presença da mulher na Cabanagem, a partir de pesquisas documentais feita no Arquivo Público do Pará elaborou a dissertação de mestrado “Em Tempo Cabanal: Cidade e Mulheres no Pará Imperial - primeira metade do século XIX (1999). Esta mesma menciona, no artigo *As Mulheres na Cabanagem: presença feminina no Pará insurreto (2006)*, que a mulher desempenhou um importante papel nesse conflito, principalmente no que diz respeito ao suporte a família. Enquanto o homem estava no combate direto com as tropas do governo, a mulher assumia o papel de provedora da família e eventualmente até de espiã (FERREIRA, 2006).

Neste mesmo artigo Ferreira evidencia um ofício de autoria do comandante José F. Soares, de agosto de 1836, através do qual comunica aos seus superiores, ter encontrado mulheres na mata fabricando farinha. Este produto deveria ter como finalidade atender às necessidades de suas famílias, uma vez que os homens poderiam estar lutando pelos cabanos ou poderia ser para abastecer cabanos acampados na área. Segundo as análise de Ferreira, os indícios indicam a participação da mulher na fabricação de farinha. Portanto, quando o

homem ia para frente de combate, a sobrevivência da família era assumida pela mulher que foi além das atividades domésticas consideradas tradicionais (FERREIRA, 2006).

Segundo Eliana Ramos Ferreira, a presença da mulher aparece na documentação do governo imperial durante a Cabanagem. Foi localizado nos acervos do APEP, um documento notificando um combate com os cabanos nas matas da localidade de Jaguary, em julho de 1836. Dentre os feridos após o combate, uma mulher foi encontrada ferida na fileira dos cabanos. Embora não existam provas sobre a sua participação com armas em punho, é afirmativo que ela estava na cena do combate (FERREIRA, 2006). Veja a seguir um desses documentos que é citado por Ferreira:

‘Ilmo e Exmo Senhor,

Cumpre-me levar ao conhecimento da V.Exa, que no dia 21 do corrente recolheu-se a diligencia, que havia expedido as cabeceiras do rio Meroê com a vantagem de conduzir como reunidos sinco indivíduos da facção inimiga, deixando bem explorados, e miudamente observados todos aquellos bosques, e campos, onde apenas encontrarão algumas mulheres oculpadas em fabricar aquenas porções de farinha, que segundo congeturo, talvez seja para fornecer alguns malvados, que por ali ainda vaguem escondidos. Por cujo motivo julgo conveniente affastalas, ainda mesmo quando não há provas mais que a mera suspeita, fundada na desconfiança, de que são susceptíveis tais mulheres por suas qualidades e condição (...)’ (Fundo Secretaria da Presidência da Província. Sério Offícios, ano 1836-1837. Caixa 42 apud FERREIRA, 2006, p.201).

Ao analisar documentos dessa natureza a historiadora Eliana Ferreira averiguou que as mulheres enfrentaram muitos desafios, seja na frente de batalha acompanhando seus pares, seja reivindicando dispensa de filhos do serviço público, abrigando cabanos ou passando informações, de várias maneiras as mulheres participaram da Cabanagem. “As mulheres, apesar de silenciadas pela história e historiografia, representaram um segmento relevante no desenrolar dos acontecimentos da Cabanagem e para a reorganização da sociedade paraense”. (FERREIRA, 2006, p.224). Contudo, esse enfoque e muitos outros a respeito da Cabanagem ainda estão ausente da sala de aula, o livro didático precisa registrar nos seus conteúdos a presença desses outros personagens históricos, suas vivencias, histórias e lutas.

## 1.2. NOVAS FORMAS DE ABORDAR O ENSINO DE HISTÓRIA.

Um das formas mais antiga de abordar o ensino de historia é através do livro didático, que ainda hoje é muito utilizado por professores atuantes na área de ensino publico. Poucos utilizam outros meios. E aqueles que utilizam o livro queixam-se de não ter informações suficientes para elaborar suas aulas (BITTENCOURT, 2009).

Segundo Hartog, para se estudar e ensinar a historia é preciso nos basear em dois princípios: 1º. Edificar o próprio ponto de vista tão explicitamente quanto possível; 2º. Realizar sempre uma abordagem comparativa. É preciso ensinar aos alunos a não contemplar o edifício da Historia como algo já pronto, mas ensinar-lhe a edificar o próprio edifício. Ensinar a edificar o próprio ponto de vista não significar ensinar as soluções, nem significa mostrar aonde se chegou num determinado assunto histórico, nem sequer significa dar algumas explicações sobre e como e por que de se chegou naquele ponto. Isso é importante, mas, como ressalta Hartog, hoje já não é suficiente. E para que se possa ensinar a edificar seu próprio ponto de vista histórico é preciso ensinar a construir conceitos e aplica-los diante das variadas situações e problemas; significa ensinar a selecionar, relacionar e interpretar dados e informações de uma maneira a ter uma melhor compreensão da realidade que estiver sendo estudada ( HARTOG apud RUIZ,2010 p.77).

Outra questão importante no ensino de Historia, Segundo Bittencourt, são as ilustrações dos livros didáticos, o papel que elas têm desempenhado no processo pedagógico, surgindo indagações constantes quando se aprofundam as análises educacionais. Esta autora recomenda que caiba ao professor fazer as análises das figuras com seus alunos, e não deixar de fazer as legendas explicativas, colocada abaixo de cada ilustração, indicando o que o aluno deverá observar e reforçar a ideia contida no contexto (BITTENCOURT , 2009 p.74).

Na concepção de Almeida e Vasconcellos, outro método de abordar o ensino de História é através de visitas em museus. Isso faz com que o aluno se estimule a aprender o que esta sendo repassado naquele momento, reforçando e complemento as atividades realizadas em sala de aula, apresentando os objetos e a cultura material. Os referidos autores recomendam que antes da visita ao museu com seus alunos, é interessante conversar com o museólogo, tratando com ele o tema estudado e pesquisado pelos alunos. Para que os educadores de museu possam se preparar para exposição e discurso. A importância do conhecer o museu Histórico está em uma das funções de contribuir para o entendimento de

sua construção e de sua representação no momento presente (ALMEIDA, VASCONCELLOS 2009, p. 104, 107).

Uma forma de abordagem ensino da cabanagem em sala é através das informações contidas em jornais e revistas. Uma professora que foi entrevistada afirmou,

“eu trabalho com o meus alunos de ensino fundamental da seguinte forma, a cabanagem é feita de forma como um jornal, onde os alunos pesquisam cronologicamente o tempo histórico sobre o movimento cabano e digo mais eles adoram”.

Para Rosa Lydiá Teixeira Corrêa, este pode ser um novo modelo de expropriação do trabalho do docente que se assenta em três pilares: aprender a prender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver juntos. É a chamada educação para o século XXI, proposta pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), onde esse “*aprender a viver juntos*” pode perfeitamente ser entendido como seja educado, não seja violento, seja instruído para viver em sociedade ( CORRÊA, 2005 apud PEREIRA, 2011). É um discurso eloqüente, mas que também se assenta ainda, em larga medida, na velha ideia de educação redentora dos males sociais ( PEREIRA, 2011).

## **CAPÍTULO II**

### **A ABORDAGEM DA CABANAGEM EM CAMETÁ**

## 2.1. O MOVIMENTO CABANO

A revolta dos Cabanos ocorreu na província do Grão-Pará, cujos motivos para se desencadear essa revolta foram também as precárias condições de vida e de trabalho decorrentes de uma economia baseada nas drogas do sertão e na pesca, sendo que a força de trabalho era composta por escravos negros, mestiços e índios, e principalmente mão escrava indígena a qual foi submetida a viver num regime de semi-escravidão morando em cabanas à margem do rio (TAMER, 1998, p. 320).

Foi um movimento no qual lavradores, camponeses, negros escravos, pequenos comerciantes e servos indígenas, aproveitando-se de um momento de crise interna entre os governantes da província, assumiram o governo da região. Sob a influência de ideias revolucionárias organizaram-se, tanto na capital como no interior, de forma a permanecer no poder e processar mudanças gerais na sociedade. Com um complexo conjunto de acontecimentos, os cabanos conseguiram resistir às forças legais até o ano de 1840, ano em que os últimos focos de resistência foram derrotados (SANTOS, 2004, p. 15).

A tragédia do brigue “palhaço”, segundo o historiador Jorge Hurley, foi a verdadeira semente germinativa da Cabanagem. O desastroso governo de Bernardo Lobo de Souza representou a gota que faltava para que com um complexo conjunto de acontecimentos, os cabanos conseguiram resistir às forças legais até o ano de 1840, ano em que os últimos focos de resistência foram derrotados (HURLEY, 1936).

A obra “*Motins Políticos*”, de Domingos Antonio Raiol, apesar de não ser um estudo exclusivo da Cabanagem é a que mais fornece maiores informações acerca da mesma. A primeira obra sobre a Cabanagem foi escrita por Domingos Raiol entre os anos de 1865 e 1890. A partir de então, a Cabanagem foi estudada por historiadores e acadêmicos ligados de alguma forma à região norte. Ainda hoje, as produções são localizadas fazendo com que o movimento seja representativo e esteja na memória local e não no conjunto da população brasileira. Para Raiol,

A cabanagem no Pará prende-se aos fatos subversivos cometidos anos anteriores: é resultado natural da anarquia promovida pelos agentes do poder público, de mãos dadas com os intitulados diretores dos partidos que nesses tempos se gloriavam em lutas fratricidas, tratando cada um de desmoralizar por sua vez o princípio da autoridade, arrastando as massas populares aos movimentos

tumultuários, apagando nelas a noção dos valores sociais, cavando o abismo em que mais tarde uns e outros se precipitaram, com irreparável dano de todos e ruína geral da província. (RAIOL, 1865, p.920 Apud Pereira, p. , 2011)

Segundo Eliana Ramos Ferreira, é complicada delimitar uma periodização rígida de um movimento complexo como a Cabanagem. Vários estudiosos,

“estabeleceram uma datação a partir de momentos de profunda tensão como o dia 7 de janeiro de 1835- tomada da capital da Província pelos cabanos- e o 13 de maio- expulsão dos rebeldes/retomada da Capital pelas forças da legalidade. Outros incluem a Cabanagem no contexto das rebeliões nativistas do período regencial. Porém, o historiador não pode perder a dimensão processual de um contínuo do movimento de tensões e lutas, avanços e recuos. A temporalidade não pode ser invocada ou apresentada rigidamente com uma data de começo (1835) e outra de término (1840). Deve-se usá-las enquanto marco, parâmetro, pois, é preciso estar-se atento para as representações e práticas construídas durante e depois da cabanagem, uma vez que os próprios cabanos invocam a volta de um ‘Tempo Cabanal’” (FERREIRA, p.199, 2006).

## **2.2. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE A CABANAGEM EM CAMETÁ**

O conceito de memória é amplo e diversificado, mas aqui optamos por um conceito de memória não no sentido estritamente de psiquismo, de memória social, conforme afirma porque Pêcheux a “memória deve ser entendida [...] não no sentido diretamente psicologista, mas no sentido de entrecruzados da memória mítica, da memória social inscritas em práticas” (PÊCHEUX apud RIBEIRO, 2009, p.197). De acordo com Le Goff, a memória como capacidade de conservar certas informações recorre, em primeiro lugar, ao conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas. A memória possui um papel importante nos povos ou nações, o que nos leva a pensar que a ausência desta pode acarretar problemas à identidade. Dessa forma, “a falta ou perda, voluntária ou involuntária da memória coletiva nos povos e nas nações pode acarretar perturbações graves da identidade coletiva” (LE GOFF, 1982, p.11). Le Goff tem razão ao dizer que apoderar-se da memória é uma das grandes

preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram ou dominam as sociedades, pois o estudo da memória social é um dos modos fundamentais de enfrentar os problemas do tempo (LE GOFF, 1982).

Assim, a memória é um elemento essencial que chama a identidade, é também um poder, é uma forma de assegurar a tradição e a recordação. Nesse sentido Le Goff afirma,

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos, e das sociedades de hoje. Mas a memória coletiva não é apenas um conjunto: é também um instrumento, é um objeto de poder. As sociedades nas quais a memória social é principalmente oral, ou que estão em via de construir uma memória coletiva, escrita, permitem melhor compreender esta luta pelo domínio da recordação e da tradição (LE GOFF, 1982, p.57).

A memória possui uma importância fundamental, pois é através dela que o passado se torna presente. E isso é apresentado nas narrativas orais, pois os narradores fazem a rememoração e trazem a tona todo um passado que se presentifica. As narrativas orais possuem um aspecto importante, pois ao rememorar os fatos, são apresentados fatos que são inerentes ao próprio narrador, como a sua cultura e identidade (LE GOFF, 1982).

As histórias sobre o movimento cabano esta presente na memória do povo cametaense.

Desta forma, a cidade de Cameté é vista com orgulho por algumas pessoas devido sua participação na Cabanagem. De acordo com o entrevistado Demitrius Pompeu Braga relatou:

“ Foi em Cameté que surgiu o ideário da Cabanagem, esse movimento surgiu para valorizar o povo de uma terra não para ser uma guerra, como acabou se tornando. Um dos personagens ilustres que se destacou em Cameté foi Antônio Braga, o qual vestiu um cavalo como Imperador e saiu desfilando pelas ruas da cidade. Neste momento este personagem faz uma critica tanto ao imperador quanto a todos os portugueses chamando-os de “cavalos”. Então, foi a partir dessas criticas de Antonio Braga que se começou a fazer uma reflexão na tentativa de mudar o cenário sócio-político da época. A ideia revolucionária surgida em Cameté espalhou-se rapidamente para outros municípios como Acara, Abaetetuba, Barcarena, Santarém e etc., até que se chegou à eclosão do movimento cabano. A cidade de Cameté destacou-se principalmente por fornecer mão-de-obra para a batalha e também alguns lideres. Um ilustre cametaense chamado Ângelo Custodio Correa teve grande relevância para essa revolução tornando-se presidente da Província. Na cidade de Cameté este é lembrado como

“herói”, pois segundo relatos de moradores da cidade de Cametá, ele realizou duas façanhas, a primeira foi salvar a legalidade do estado e a segunda foi salvar contra a doença chamada cólera todo povo de sua terra, porém no caminho de retorno à Belém foi acometido da doença e acabou falecendo”

Um fato interessante e que merece ser destacado é que Cametá segundo os entrevistados, Alberto Mocbel (escritor Cametaense) e Dimitrys Pompeu (ex-secretario de Cultura de Cametá), para eles Ângelo Custodio Correa não traiu a revolução Cabana, apenas se retirou do movimento em favor da legalidade. Os entrevistados justificam que isso ocorreu devido o povo cametaense ser muito bem politizado e não querendo a destruição de Belém, muito menos o genocídio das pessoas. O que o povo cametaense realmente desejava era a alteração na forma de governar, ou seja, uma reforma na estrutura política e o direito a cidadania dos povos da Amazônia Paraense.

Danuizio Pompeu é outro escritor do município de Cametá que também fez considerações a respeito desse movimento, diz que:

“Essa cidade foi um lugar de repressão aos revoltosos onde se destacou o Padre Prudêncio das Mercês Tavares como um verdadeiro comandante militar que conseguiu fazer com que Cametá resistisse aos impulsos cabanos, sem cair nos seus domínios. Por isso Victor Tamer a intitula como “Cidade Invicta”, certamente referindo-se historicamente a mesma. Esse fato está sendo contestado atualmente pelas correntes de historiadores do município. Questiona-se o orgulho da legalidade para alguns, assim como se contesta as forças legalistas em função dos excessos cometidos para controlar a revolta. Na realidade a Cabanagem é para Cametá fato controverso.”

Em 15 de maio de 1835 a 13 de maio de 1836 Cametá se tornou, por motivo de segurança sendo mais prudente instalar o governo no interior do que em Belém, a capital da Província do Pará. Padre Prudêncio das Mercês Tavares foi nomeado o comandante militar em defesa da vila, ele conseguiu fazer com que todas as investidas dos cabanos vindos dos municípios que apoiaram Cametá contra as forças legalistas fossem derrotadas. Como forma de resistência aos cabanos, Padre Prudêncio levantou uma trincheira que circundou toda a periferia do lugar a qual era vigiada constantemente e que os cabanos não conseguiram ultrapassar (RICCI, 2006).

Com o passar do tempo nasceu uma árvore em umas das estacas que constituíam a trincheira, uma samaumeira, e ela tornou-se símbolo de resistência à cabanagem no município

de Cameté, assim como um monumento na praça central da cidade que retrata a repressão aos revoltosos (TAMER, 1998).



Imagem 03: Samaumeira plantada em 1985, pelo então prefeito de Cameté, Valdoli Valente, para substituir a antiga, que existiu há mais de cem anos neste local, cuja crença local acredita ter nascida de uma estaca da trincheira construída por Padre Prudêncio. Fonte: Arquivo pessoal de Rosângila Silva (2008)



Imagem 04: Monumento "A resistência à Cabanagem", localizado na praça central da cidade de Cameté, uma homenagem do Político de Gerson Peres a Cidade de Cameté. Fonte: Arquivo pessoal de Rosângila Silva (2008).

No exercício da reconstituição de relampejos das memórias, através de entrevistas, com alguns moradores da cidade de Cametá foi possível perceber que existe todo um mito em relação a essa árvore, pois algumas pessoas contam que Padre Prudêncio mesmo depois de morto “aparecia” embaixo da samaumeira e a partir das sete da noite as pessoas evitavam passar por aquele local. Outro símbolo da cabanagem que também encontramos na cidade é um monumento na praça central que retrata a repressão aos revoltosos. Esse monumento é considerado uma visão burguesa da cabanagem, pois nele Padre Prudêncio está recebendo pacificamente os cabanos na praia. Se compararmos com a história oficial iremos constatar que padre Prudêncio foi encarregado de fazer a guarda militar da cidade, então este fato torna-se contraditório (TAMER,1998).

A cabanagem tem sido guardada na memória do cametaense da forma como essa revolta teve grande importância na história do Pará. Mas para se chegar nessa história é preciso que o livro didático aborde essa temática tão enriquecedora para historiografia brasileira. Assim o professor acaba reportando a cabanagem de forma mais ampla. E aluno tornar-se conhecedor da sua própria história.

## **CAPÍTULO III**

### **A CABANAGEM E O LIVRO DIDÁTICO**

### 3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA CABANAGEM

Revisitar as abordagens acerca da cabanagem é buscar um tema bastante escasso em produção no meio acadêmico cametaense, embora recorrente na memória do povo, uma vez que são herdeiros dessa memória. A cabanagem é vista de diversas formas por historiadores e pensadores, desde o seu acontecimento até os dias atuais.

Um das obras mais estudadas é a de Domingos Raiol ou Barão do Guajará como é conhecido, para ele o movimento cabano era sinônimo de motim político, procurava justificar a cabanagem como uma mistura entre a omissão inicial das autoridades imperiais da Amazônia e seu pulso firme na repressão do movimento (RICCI, 2001, p. 270).

De acordo com Bezerra Neto a cabanagem é lembrada pelos setores privilegiados da sociedade como “o tempo de “malvadez”, uma dolorosa recordação”. Porém, existia uma parcela da população que esse mesmo autor classifica como homens livres e libertos pobres que se recordavam desse período como um importante momento de suas vidas em que os mesmos puderam lutar por mudanças sociais visando melhorar suas vidas (BEZERRANETO, 2001, p.74-75 ).

Dentre essas memórias citadas, a que permaneceu e que foi incorporada pela historiografia como explicação histórica desse movimento no início do século XIX, foi principalmente, a memória pertencente à elite da época, registrada por Antônio Domingos Raiol. Este é caracterizado como historiador erudito que, em sua obra *Motins políticos ou Histórias dos Principais Políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*, retratou o povo participante da cabanagem com certo preconceito racial. Mostrando os cabanos como seres incapazes de pensar e fazer política, e dessa forma a revolta só teria acontecido por causa de espaços abertos pelas disputas políticas entre as classes dominantes da época. Conforme seus estudos a data escolhida para exaltar a cabanagem foi o 13 de maio de 1836, “dia em que as forças da legalidade haviam recuperado o domínio de Belém, então sobre o controle cabano, louvando-se a restauração da ordem social” (BEZERRA NETO, 2001 p.76).

Bezerra Neto afirma que as pesquisas de Raiol deram início a uma série de outros estudos acerca do tema. Na comemoração do Centenário da cabanagem em 1936, realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), surgiu quatro trabalhos dedicados ao tema, dois escritos por Jorge Hurley; um por Dilke Barbosa Rodrigues e outro por Ernesto Cruz (BEZERRA NETO, 2001, p76.)

O fato é que esses novos estudos passaram a considerar 07 de janeiro de 1935 como data adotada pela historiografia como início do movimento, sem deixar de lado o dia 13 de maio de 1936, lembrada apenas como data comemorativa. Conforme podemos confirmar nas afirmações de Bezerra Neto:

“Em 1936, a data 07 de Janeiro de 1835 viera à tona, lado a lado com 13 de maio de 1936. Portanto, comemoravam-se as duas datas, sendo a primeira reabilitada pela historiografia paraense como marco importante da história do Pará, enquanto data-início do evento chamado cabanagem, sem que fosse desconsiderada a segunda data que marcava o retorno da Província à condição de “normalidade”, com o começo da derrota dos cabanos” (BEZERRA NETO 2001, p. 77)

A partir do centenário da cabanagem os novos estudos propostos por Jorge Hurley, Dilke Rodrigues e Ernesto Cruz davam uma nova interpretação para a cabanagem enquanto movimento popular de reação ao autoritarismo e desmandos das autoridades da época (BEZERRA NETO 2001, p.77).

Novamente, anos depois com intuito de aprofundar mais as análises feitas sobre o movimento surgiram outros trabalhos que deram nova interpretação ao movimento. Na comemoração do sesquicentenário (150 anos) da cabanagem, inclusive, este evento foi marcado pela inauguração do Memorial da Cabanagem, foi instalado um Museu dedicado a esse movimento. Então, a partir desse momento com as pesquisas surgidas a cabanagem “consagra-se a revolução popular da Amazônia”, que mesmo sendo derrotada ainda podia ser resgatada pelo povo no tempo presente, principalmente através desse memorial que foi criado (BEZERRANETO 2001, p. 80). Dessa forma, a cabanagem deixa de ser vista como um movimento rebelde, revoltoso ou motim como o proposto por Raiol em suas pesquisas.

Ainda na década de 1990 mais estudos se destacaram, uma vez estabelecida como revolução o objetivo dos trabalhos se concentrou em descobrir quem eram os cabanos. Segundo Bezerra Neto o sociólogo Cauby Monteiro e a historiadora Eliana Ramos Ferreira realizaram, cada um, trabalhos procurando identificar etnicamente as massas cabanas ( (BEZERRANETO 2001, p. 80), NETO,2001 p.82)

Vicente Salles também destaca os principais precursores da ideologia liberal no Grão-Pará e as repressões por parte do governo defensores das ideias liberais ligados a adesão da Independência da colônia. Enquanto, o Grão-Pará mantinha um espaço ainda colonial, na Europa explodia a Revolução Francesa e as suas ideias ameaçavam “desagregar a estrutura

econômica e política dos regimes europeus” (SALLES, 1992 p. 29). Os governos europeus assim como o do Brasil tomaram grandes medidas de proteção contra os princípios defendidos pelos Liberalistas para que não fossem disseminados nos seus territórios (SALLES, 1992)

Apesar de todas as precauções e cuidados essas ideias conseguiram ultrapassar as fronteiras e chegaram até o Grão-Pará. Arthur Cezar Ferreira Reis lembra a Revolução que ocorreu na Guiana Francesa e que a vizinhança com a colônia muito contribuiu para que essas ideias penetrassem no Grão-Pará (REIS FERREIRA Apud SALLES, 1992). O franciscano Luis Zagalo, fanático da revolução francesa, foi um dos disseminadores dessas ideias, divulgou no Pará a doutrina de Babeuf que tinha por objetivo a igualdade social. Também fez suas pregações em Cametá, onde segundo Ferreira Reis, lançou ideias subversivas entre os escravos e causou grande agitação e desconforto na burguesia local, pois afirmava de acordo com os ideais de Liberdade e Igualdade pregados pela Revolução Francesa não haveria nenhum homem submetido a outro, isso causou uma alforria nos escravos e ele acabou sendo expulso da colônia em 1817 (REIS FERREIRA Apud SALLES, 1992).

Mario Baratafaz algumas considerações acerca do governo do Conde de Vila-Flor no Pará que se caracterizou principalmente pela repressão as correntes de pensamento que chegavam até a colônia. Acadêmicos vindos de Coimbra foram alvo da repressão no governo de Vila-Flor acusados de estarem ligados as ideias liberais, dentre eles destaca-se Felipi Alberto Patroni (1794-1866), responsável pela fundação da imprensa no Pará, e também os irmãos Vasconcelos João, Julião e Manuel Fernandes que aliados a Patroni foram responsáveis por divulgar um documento de autoria do mesmo que trouxeram de Lisboa, tratava “da união das raças e igualdades de direitos, apontando o exemplo da revolução de Pernambuco em 1917. Após esse feito não tardou a manifestação do governo e os mesmos foram processados e presos ” (MARIO BARATA apud SALLES, 1992 p.19).

Com o intuito de controlar qualquer divulgação no governo de Vila-Flor a Junta Provisória criou em 03 de janeiro de 1821 a Junta Censória, constituída por três membros “o Chantre Jerônimo Pedro de Moraes Bintencourt, Frei João Antonio do Livramento e o Dr. Antonio Correa de Lacerda” (SALLES 1992, p. 34). Esses três censores nomeados pela Junta estavam encarregados de controlar os papéis manuscritos que circulavam na colônia e evitar qualquer manifestação de pensamento contrarias ao governo. Essa fiscalização funcionava da seguinte forma, todo manuscrito devia ser entregue aos censores em três cópias devidamente assinados pelo seu autor, após estarem com os escritos em mãos os censores iriam analisar cuidadosamente o documento, no caso de ser aprovada, uma cópia ficava na mão do último

ensor e a outra era entregue ao seu dono. O autor ficava responsável por qualquer alteração feita após a avaliação, que poderia ser provado através da confrontação dos documentos com os originais que ficavam sob a guarda do censor (SALLES, 1992).

Porém, todas essas medidas não conseguiram impedir que muita literatura impressa principalmente livros trazidos por estudantes da Europa entrassem no Grão-Pará. Na colônia era estreitamente proibido pelo governo reuniões com fins políticos, mas lembra Reis apud Salles que o material revolucionário que chegava era debatido em “clubes e conferências” (SALLES 1992, p. 28), e essas reuniões ocorriam tanto por parte do grupo revolucionário como também da classe dominante da época.

Outro simpatizante das ideias Liberais foi o Padre João Batista Gonçalves Campos que de acordo com Salles se apossou da mensagem deixada por Patroni que apesar de sua contribuição, no momento mais importante da Revolução, estava ausente. Então, Batista Campos tomado dos princípios levantados por Patroni se tornou um dos líderes da Revolução Paraense (TAMER,1998).

No Grão-Pará apesar de ser uma colônia distante e isolada, os acontecimentos que estavam no auge na Europa como a já mencionada Revolução Francesa não deixaram de chegar até a colônia e tiveram grandes influencia no que estava prestes a ocorrer, pois, encontraram as condições necessárias para o amadurecimento das ideias e o desenrolar da Revolução Cabana (RICCI, 2006).

A Adesão do Grão-Pará a Independência ocorreu em 15.03.1923. No entanto, segundo Sodré apud Salles “nada tinha de revolucionário no sentido que só existe uma revolução onde se altera o direito privado, onde a posição relativa das classes sofre mudanças” (SALLES, 1992 p.26). Esperava-se que com a Independência os portugueses perdessem certas regalias que possuíam durante o período colonial como ocupação de cargos públicos e participação efetiva da política, não deixando abertura para a participação da burguesia local. Só que com esse acontecimento nada na base política e econômica e social se alterou, o *status quo* foi mantido (RICCI, 2006).

Foram essas condições políticas, econômicas e sociais que ocasionaram a explosão da Cabanagem no Grão-Pará. Vale ressaltar que essa insatisfação com essas bases de governo citadas não existia somente no Pará. Em cada região do Brasil ocorriam tentativas de modificar a situação que estava sendo vivenciada, temos como exemplos a Guerra dos Emboabas, a Guerra dos Mascates e a Rebelião dos Felipe dos Santos. A primeira aconteceu em Minas Gerais e demonstrou que as contradições coloniais começavam a deflagrar na colônia. A segunda foi um grande conflito entre os senhores de engenho de Olinda e os

comerciantes portugueses de Recife. E a ultima também ocorreu em Minas Gerais e se constituiu numa reação à política econômica da metrópole, porque problemas como “escravidão, representação política, divisão social e desníveis econômicos” (SALLES 1992, p.130) não ocorriam apenas em nível regional, mais sim em todo o Brasil.

De acordo com a Historia oficial, essa localidade se tornou a capital provisória da Província do Pará por volta de 15 de maio de 1835 a 13 de maio de 1836, este fato pode ser constatado na seguinte afirmação “os revoltosos dominaram a Câmara Municipal e conseguiram obter o sucesso que seus companheiros não haviam conseguido alcançar em Belém” (BEZERRA NETO 2001, p.87).

Victor Tamer apoiado na opinião do historiador Jorge Hurley considera que a tragédia do Brigue Palhaço foi a “a verdadeira semente germinativa da Cabanagem” (TAMER 1998, p.38). O inglês Greenfell, responsável pela adesão do Pará à Independência, na tentativa de combater os descontentamentos do povo mandou prender Batista Campos principal responsável segundo ele pela “baderna”. E ainda de forma cruel ordenou também que prendessem cerca de duzentas e cinqüentas pessoas no porão do Brigue Palhaço envolvidas no recente motim. (TAMER, 1998) Sobre esse episodio relata Antonio Ladislau Monteiro Baena:

“Pela narração de um dos quatro, que puderam sobreviver à matança, soube-se que os infelizes presos foram instantaneamente acometidos de violentas dores de cabeça e suor copioso, sobrevivendo-lhes uma sede insuportável, e afinal grande dores de peito. Bradaram varias vezes por água para saciar a sede que os devorava, e a água do rio salubre e turva lhes foi lançado em uma grande tina, que havia no porão; a ela se arrojaram tumultuariamente, bebendo-as com as mãos, com os chapéus e de braços, procurando cada um ser o primeiro nesse mister, amontoando-se com violência uns sobre os outros, e tudo na maior sofreguidão e desordem. Alguns caíram sem sentido, logo depois de beberem a água, e a outros exarcebaram-se as dores, os lamentos e vociferações. Diversos foram os meios que recorreram para mitigar o estado em que se abrasavam, depois de certificarem-se que nada havia que pudesse mover os seus ferozes guardas, estando eles decididos a vê-los morrer. Puseram-se nus: agitaram o ar com os chapéus e roupas; lançaram-se a tina d’água; atiraram-se ao costado do navio no intento de achar alguma umidade, e no meio dessa violenta desordem e frenesi muitos caíram desfalecidos e inanimados de forças, e alguns deles acabaram espezinhados e comprimidos por seus companheiros de infortúnio. A barbara guarnição do navio, que presenciava tudo isto, e que com um sorriso infernal comprazia-se de ver aquela horrorosa cena de desesperação e furor, dirigiu alguns tiros de fuzil para o porão e derramou dentro uma grande porção

de cal, cerrando-se logo a escotilha e ficando o porão hermeticamente fechado, a pretexto de que por esse meio atroz se aplacaria o motim, e os presos ficariam sossegados. Eram sete horas da manhã do dia 22, quando se correu a escotilha do navio em presença do comandante...E o que se viu foi um montão de duzentos e cinqüentas e seis corpos, mortos, lívidos, cobertos de sangue, dilacerados, rasgadas as carnes e sinais de que tinham expirado na mais longa e penosa agonia.” (BAENA apud FILHO 2001, p.107 e 108)

Esse acontecimento cruel causou repugnância e revolta na consciência de os que tiveram conhecimento, pois o responsável, o comandante Grenfell, foi julgado, perdoado e transformado em herói consagrado pelas elites dominante do Grão-Pará. Então, foi em Cametá que ocorreu o primeiro grito da cabanagem quando os cametaenses com o apoio de alguns municípios e vilas como Abaetetuba, Igarape-miri, Beja, Muana, Melgaço e etc, profundamente indignados pegaram em armas contra o governo. Em um primeiro momento os cametaenses conseguiram derrotar uma expedição militar que partiu de Belém com a finalidade de pacificar os revoltosos tocantinos. Depois desse feito a Junta Governativa resolveu atender algumas exigências dos revoltosos que desejavam a demissão de funcionários civis e militares portugueses. Após atendidas as solicitações partiram de Belém o bispo D. Romualdo Coelho e o vigário André Fernandes de Sousa com destino à Cametá que conseguiram dissuadir os revoltosos de seus propósitos de resistência (TAMER, 1998).

A partir desse momento a cidade que se destacou principalmente por ser a primeira a se levantar contra os abusos de poder se tornaria o “palco” de repressão ao movimento cabano (TAMER, 1998). A esse respeito Tamer expõe:

“Na verdade, a anarquia, a indisciplina, o desentendimento entre os próprios chefes da revolução, a massa popular desvairada a cometer desatinos por conta própria e ao sabor de suas paixões sanguinárias, quando por pouco Belém deixou de ser incendiada, crueldades outras cometidas nada inferiores à perversidade anterior corrida no brigue “Palhaço”, tudo isso, de modo nenhum poderia atrair a solidariedade de Cametá à causa da Cabanagem. Pelo contrario terra que sempre defendeu ordem pública, o respeito a dignidade humana, indo a luta para reparar o ultraje de um genocídio, Cametá, por isso mesmo desfraldou corajosamente a bandeira da legalidade e defendeu com heroísmo de seus filhos o último reduto da lei, quando toda a Província já estava submetida ao desvario da anarquia ”. (TAMER 1998).

O que podemos observar é que para Tamer os próprios desentendimentos entre os chefes da revolução e os desatinos sanguinários cometidos pelo povo, todas essas crueldades não foram inferiores à tragédia do brigue palhaço, e todos esses fatos fizeram Cameté ficar a favor da legalidade. Dentre os fatos considerados sanguinários cita-se o assassinato do pai de Ângelo Custodio em frente à Igreja onde se realizaria o casamento de sua filha. O Bacharel em Direito possuidor de caráter sincero e linguagem simples adquiriu sem intenção prestígio político, se tornando o mais votado deputado provincial e conseqüentemente o vice-presidente da Província (TAMER, 1998).

Magda Ricci contrasta a cabanagem como este cenário amplo, a Cabanagem normalmente foi, e ainda, é analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil. No entanto, os cabanos e suas lideranças vislumbravam outras perspectivas políticas e sociais. Eles se autodenominavam "patriotas", mas ser patriota não era necessariamente sinônimo de ser brasileiro. Este sentimento fazia surgir no interior da Amazônia uma identidade comum entre povos de etnias e culturas diferentes. Indígenas, negros de origem africana e mestiços perceberam lutas e problemas em comum. Esta identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades. Ele começa esclarecendo alguns antigos olhares da historiografia da Cabanagem sobre suas lideranças e as motivações cabanas para a luta (RICCI, 2006 p.519).

O cenário político era muito conturbado e começava a acenar para aquele "fogo em relva ressequida" que Raiol declarava em seus livros (RICCI, 2006 p, 525). As disputas entre as lideranças cabanas geravam um clima de pavor entre os conservadores e ânimo entre os justiceiros presentes na massa cabana. Neste contexto, uma peça importante foi o retorno de Eduardo Angelim à terra firme. Depois de ter sido preso e remetido para um navio imperial atracado em Belém, Angelim foi libertado por Malcher e voltou à terra firme para tentar um acordo de paz com Vinagre, no dia 21 de janeiro. A ideia era entregar a presidência ao membro mais votado do conselho do governo, ou a quem o povo reunido designasse. Neste ponto, a narrativa de Domingos Antonio Raiol é dúbia. No afã de proteger seu amigo Eduardo Angelim e manter sua versão liberal para a narrativa, Raiol enfatiza que o portador da paz foi o próprio Angelim. Raiol exagera no heroísmo de nosso personagem. Lembra que, assim que Angelim conseguiu chegar ao Arsenal de Guerra, falou com Francisco Vinagre e este último mandou logo cessar fogo. Em seguida, mandou fazer reunir o Conselho de Estado Provincial e este órgão, de pronto, teria aclamado Vinagre como novo presidente, com uma famosa ata que revogava a de 7 de janeiro de 1835, comunicando à Regência que o recém-empossado

permaneceria no poder até que ela fizesse nova nomeação. A questão dúbia é que, em 20 de janeiro, Francisco Vinagre havia tentado sua aclamação perante a Câmara de Vereadores. Na ocasião, os vereadores haviam desaparecido e seu presidente se acusava doente. Mesmo assim, ao que parece, Vinagre já se considerava aclamado, quando do ato de 21 de janeiro. Um ponto desta famosa ata é de se notar. Ao revogar a ata de 7 de janeiro, este novo documento reatava laços mais estreitos com a Regência imperial, na medida em que dava ao Regente poderes para nomear o próximo Presidente da Província do Pará (RICCI, 2006 p.243)

Só ao longo do tempo, delinearam-se outras histórias e o movimento cabano foi ganhando outros sentidos. Houve quem o percebesse como uma guerra de Independência tardia, ou mesmo como um movimento nacionalista. Neste contexto, os cabanos deixaram de ser tratados como "malvados" e "sediciosos", para se tornarem "patriotas", conceito entendido como cidadãos adeptos da "causa brasileira". Nascia uma linha positiva e de continuidade nacionalista entre o processo de emancipação política no Pará e o movimento cabano. Em pleno momento de comemoração do centenário da Independência brasileira, os intelectuais na Amazônia e no Brasil reinventaram esta história pátria. Para eles, os cabanos apoiavam-se em um justo ódio racial aos brancos, ódio que aumentava com uma má administração portuguesa de cunho colonialista. Estes cabanos, vindos do povo mais simples da Amazônia, efetivaram, contudo, uma luta demente, pois sua causa, em seu limite, levava a uma guerra separatista, o que contrariava o espírito pátrio, que prevalecia nas comemorações do centenário da Independência brasileira (RICCI 2001).

Ainda nos anos 1930, nascia outra versão para a ação cabana, agora marcada por um posicionamento político-marxista. Caio Prado Júnior, de maneira precursora, atribuía aos cabanos da Amazônia do século XIX a prerrogativa de terem sido os únicos revolucionários populares e partidários de ideais libertários que conseguiram tomar o poder. (RICCI, 2001 P.273). Com este autor, os olhos da historiografia marxista no Brasil se voltaram definitivamente para o movimento de 1835. Os cabanos tornaram-se exemplos de rebeldes primitivos. Muitos dos principais autores que escreveram nos anos 1970 e 1980, tempos dos 150 anos da Cabanagem, seguiram alguns dos principais passos traçados por Prado Júnior. O autor Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro – *Visões da Cabanagem* – tem o grande mérito de formular essas e outras perguntas e buscar respostas para elas, fazendo um balanço da produção historiográfica que tratou do tema. Balkar, em vez de buscar “a verdade”, está preocupado em entender porque tais “verdades” foram construídas. Por isso, ele procura explicar o que é que sustenta versões tão diferentes, o que é que fundamenta enfoques tão diversos, situando o lugar social onde esses discursos históricos se produzem e reproduzem. Trata-se de um trabalho

cuidadoso, que explora essa diversidade e procura compreender as diferentes imagens construídas sobre os cabanos, o que permanece e o que muda no discurso histórico sobre a cabanagem e o significado do movimento cabano de acordo com cada autor. Destaca o papel que esses autores atribuem à participação das camadas populares na revolta, discutindo as categorias de “povo” e “popular”(RICCI 2006).

LuisBalkar mostra, no entanto, que a geração de historiadores do século atual, pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), que começa a produzir a partir de 1936, também exclui os segmentos populares do movimento da cabanagem, pasteurizando a imagem dos cabanos, domesticando-os e esvaziando o movimento de seu conteúdo de crítica social. O povo só vai ser descoberto através de algumas interpretações críticas como a de Caio Prado Júnior, que olha o movimento cabano sob a ótica da luta de classes, mas que não realiza nenhum trabalho de pesquisa documental, limitando-se a uma releitura teórica. Apesar disso - afirma Luis Balkar, - essas duas correntes revitalizaram a temática e contribuíram para que os cabanos deixassem de ser vistos como bandidos e assassinos (BALKAR apud RICCI 2006)

Segundo José Ribamar Bessa Freire, ao desconstruir os diversos discursos sobre a Cabanagem, reconhecendo, no entanto, a contribuição que em diferentes momentos deram para a compreensão do movimento, Luis Balkar limpa o terreno e dá uma contribuição significativa que pode ajudar os professores a recolocar a questão em sala de aula. O seu livro, se lido e debatido pelos professores, com certeza modificará a prática pedagógica e permitirá uma compreensão mais profunda de um movimento vital para a construção da nossa memória e da nossa identidade (BESSA FREIRE. 2001)

### **3.2. PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO: A CABANAGEM EM FOCO**

A cabanagem é apresentada no livro didático bastante empobrecedora, como foi argumentado no início da pesquisa, se analisou seis livros didático sendo eles do 5º ano do fundamental ao 3º ano médio, sendo que a maioria apresenta o movimento cabano como apenas citado em meio as outras revoluções do período regencial. Apenas dois livros apresentam a cabanagem com uma abordagem mais ampla, mostrando através de figuras, mostrando o perfil do cabano e como se deu o movimento, pondo cronologicamente os fatos ocorridos. Mas sempre extinguindo a participação da cidade de Cametá.

O livro “*Coleção Pananorama da Historia*” (2005), organizado por Elaine Senise Barbosa, Newton Nazaro Junior e Silvio Adegas Pêra, trata o movimento Cabano de forma

mais ampla em apenas três parágrafos tentando mostrar o perfil do cabano, através de imagem, como um agente marginalizado. No término do parágrafo faz considerações das sucessões dos três governos rebeldes. O de Clemente Malcher, que foi um dos primeiros governos, mas foi visto como autoritário e acabou deposto e morto. O segundo Francis Vinagre, que foi derrubado por tropas do governador do Pará Manoel Jorge Rodrigues. O terceiro Andréia o qual obteve pleno poderes. O qual foi responsável pela exilação de 30 mil pessoas em 1836.

A obra “*Coleção pelos Caminhos da História*” (2005), de Adhemar Marques, fala da cabanagem de uma forma bastante resumida, pondo apenas o período inicial em que o movimento aconteceu, e logo em seguida cita o historiador Caio Prado Junior, que fala da cabanagem como um notável movimento popular no Brasil, onde as camadas populares conseguem dominar uma Província. Sendo que mais uma vez a cabanagem tratada sem evidenciar seus agentes históricos, que são excluídos desse movimento revolucionário que aconteceu no Grão Pará.

“ A partir de 1835, uma serie de movimentos contra o governo central ocorreram em varias regiões do país. Como a intensidade e a profundidade de movimentos como a Cabanagem(1835-1840),no Pará, a Balaiada(1838-1841), no Maranhão, a Sabinada(1837-1838, na Bahia, a Farropilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul, e a Revolta dos Malês(1835), em Salvador, não se devem a um possível enfraquecimento do poder central.....”

“um dos mais, se não o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder dentro de uma Província com certa estabilidade. Apesar de sua desorientação ,apesar da falta de continuidade que o caracteriza, fica-lhe, contudo, a gloria de ter sido a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva do poder”. (MARQUES, Adhemar. Pelos caminhos da Historia,2005p.193)

O livro “*A Escrita da História*” (2005), organizado por Flavio de Campos e Renan Garcia Miranda, trata a cabanagem em um parágrafo, apenas como uma revolução, sendo a bem mais sucedida revolta popular do período, por levar os cabanos (rebeldes) ao governo, além caracterizar os revoltosos como cruéis sanguinários.

Em 1835, outra revolta, de nome semelhante, foi desencadeada no grao Pará. Também iniciada por grupos dominantes da região, a liderança da insurreição passou a população mais pobre, que vivia em cabanas a beira dos rios. Estima-se que 30% da população da província, de cerca de 100 mil pessoas, tenha sido dizimada nessa verdadeira guerra civil. (CAMPOS, MIRANDA. A escrita da História, 2005 p.350)

A obra “*Você é a História*” (1995), dos autores Ricardo Dreguer e Eliete Toledo, fala da cabanagem de uma forma tão empobrecedora que este movimento é apenas citada em meios a outras, resservando-lhe nem se quer um parágrafo, mas sim uma pequena frase:

“ O período regencial foi a época em que aconteceram muitas revoltas. você lembra. A cabanagem no Pará. A sabinada, na Bahia, a Balaiada no maranhão. A Farropilha ou Farrapos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina ”.(AQUINO, LOPES, PIRES. *Você é a História*, 1995p.10)

Nem se quer se sabe quando ocorreu o movimento e o porquê e nem os motivos que ocasionaram esse movimento.

O livro “*História*” (2005), de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, Traz a cabanagem em dois parágrafos, relatando os principais líderes do movimento.

O livro “*Pará e Suas Trilhas Históricas*” (2008), de Doralice Coelho Araújo, analisa a cabanagem de forma ampla e significativa, pondo os fatos cronologicamente ocorridos naquele período, além de destacar e valorizar os sujeitos históricos que participaram desse movimento, os cabanos. Os cabanos são caracterizados nesta obra como pessoas simples, pobres, mais com ideais de liberdade e justiça, com ampla participação em um movimento revolucionário que se constituiu como um marco na história do Pará. Portanto, esta autora faz uma abordagem bem mais ampla da cabanagem em relação aos outros autores, dispõem análises deste assunto em três páginas do referido livro. Porém, se faz importante destacar que Doralice Coelho Araújo é uma autora que tem formação acadêmica na Amazônia, por isso difere de outros autores de livros didáticos, que não fazem parte da região, e tratam esse movimento de forma sintética. Contudo, é importante ressaltar que apesar desta autora ter formação na Amazônia, ela não cita em momento algum a participação e a contribuição da mulher para com o movimento como e muito menos faz menção a cidade de Cametá como marco desse processo revolucionário.

O livro didático tem sido objeto de avaliações contraditórias nos últimos anos. Existem professores que abominam os livros escolares, culpando-os pelo estado precário da educação escolar. Outros docentes calam-se ou se posicionam de forma positiva pelo auxílio que os livros prestam ao seu dia a dia complicado. O livro didático, no entanto, continua sendo o material didático referencial dos professores (BITTENCOURT, 2009 p.71).

A relação entre professor e livro didático, é bem próxima, pois alguns professores dizem, como a professora Joana do Socorro Gonçalves:

“ O livro didático é a base do meu trabalho. Ele não é suficiente para repassar em minhas aulas. Principalmente no diz respeito a cabanagem. Eu vou sempre conversar e pedir material para o professor Raimundo Nonato, que é professor no Insa, ele sempre esta pela universidade pesquisando trabalhos de professores e alunos”

E assim, sendo o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Varias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obra didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa (BITTENCOURT, 2009 p.72).

Circe Bittencourt tem todo razão quando menciona que os livros eram impressos em Paris até a década de 30 desde século tinham a marca francesa nas ilustrações nos livros escolares de História, pois o país tinha uma relação forte com as casas editoriais brasileiras. Para ela o livro didático é limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas. A linguagem que produz deve ser acessível ao público destinado. E assim, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial, imposto por vários setores do poder e do estado. É necessário enfatizar que o livro didático possui vários sujeitos em seu processo de elaboração e passa por intervenção de professores e alunos que realizam praticas diferentes de leitura e de trabalho escolar. (BITTENCOURT, 2009 p.72 e 76).

Um das professoras entrevistadas que não quis se entendificada, mencionou que:

“A cabanagem no livro didático é uma situação bastante triste né, porque a gente professores temos bastante dificuldade para pesquisar o assunto, já que o livro não trata disso. E as vezes a carga horaria é pouca e dificulta o nosso trabalho com os alunos, porque não dá tempo de passar trabalho de pesquisa para eles”.

Schmidt ao se referir aos embates entre professor e livro didático, que há muito, se fala da rudeza do ofício do professor de Historia. Sendo que a sua formação não se restringe a um curso de Historia, mas sim em englobar diferentes áreas como: ciências humanas, filosofia e ciências sociais, etc. Formado o professor de Historia tanto como os outros, envolve-se com cargos familiares, com a luta pela sobrevivência e quase sempre não dispõe de tempo e nem dinheiro para investir em sua qualificação profissional (SCHMIDT, 2009 p.55).

A relação entre professor e o livro didático hoje acaba sendo de inteira eficácia, apesar do livro não dispor de informações suficientes sobre a cabanagem, para que o professor possa aplicar uma boa aula. Cabendo então a ele a missão de pesquisar. Sendo que hoje existem vários trabalhos no que discorre a temática cabanagem, trabalhos de mestrados, tese, monografia e artigos e ainda a internet para facilitar as pesquisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na relação estabelecida entre o livro didático, professor e a história oficial cametaense podemos verificar que a relação que o livro faz com a cabanagem é de forma bastante empobrecedora. A partir da análise observamos que os livros não fazem de forma alguma referência à participação da cidade de Cametá na Revolução Cabana e, sim mostrando referências, somente de uma visão da Cabanagem, principalmente a dos cabanos cruéis, essa visão coincide com a visão dos cametaenses pertencentes a famílias tradicionais e populações que aprenderam com essas elites a pensar sua participação na história oficial com orgulho, mesmo que essa participação tenha sido polêmica em favor dos últimos ecos da mentalidade imperial portuguesa.

As ideias que influenciaram a revolução cabana foram trazidas da Europa para o Brasil, desde a Inconfidência Mineira, muitos foram os meios utilizados pelos governos na tentativa de impedir que as ideias revolucionassem adentrassem no Grão-Pará, porém não obtiveram sucesso. Uma das principais influências detectada foi a da Revolução Francesa. A nível nacional podemos elencar que a insatisfação ocorrida na Província não era exclusividade dessa região, pois em outras localidades do Brasil explodia revoltas com o intuito de modificar a forma de governar.

A participação da cidade de Cametá nessa revolução teve dois momentos importantes. O primeiro se verifica quando nessa cidade surgiu o ideário da cabanagem, foi onde germinou o pensamento de alterar a forma de governar existente na Província. O segundo foi a retirada de Cametá do movimento cabano em favor da legalidade, pois Cametá não desejava a destruição de Belém e também ficou contra os genocídios cometidos pelos cabanos. E após a sua retirada do movimento cabano essa cidade tornou-se o principal local de repressão aos revoltosos, para isso contou com ajuda militar do religioso Padre Prudêncio, homenageado apenas na cidade de Cametá como herói.

Os habitantes dessa cidade orgulham-se da mesma pelo fato do povo de sua terra ter feito a escolha em favor da ordem e principalmente porque um filho da terra, Ângelo Custodio Correa, se tornou o Presidente da Província.

Não deve parecer estranha ou absurda esta leitura que o povo cametaense faz de si mesmo, porque é justamente esse orgulho de aparecer na história do país como forte militar que faz dos cametaenses, tão identificados com Inglês de Sousa, um povo cerimonioso e atencioso para com os mitos locais. De alguma forma, essa identificação entre o povo

cametaense e o desejo humano de aparecer registrado na memória local como povo vitorioso, independente das contradições históricas que tenham tornado este povo invicto e notável.

Podemos concluir que a relação entre o professor e livro didático no que diz respeito a cabanagem, vem se dando de forma bastante empobrecedora, deixando a desejar essa história da historiografia paraense. Cabe ao professor analisar, pesquisar trabalhos relacionados ao tema. Um dos professores entrevistados, a prof.<sup>a</sup> Vilma Miranda ressaltou que hoje existem vários trabalhos realizados sobre a cabanagem, que a dez anos atrás era muito difícil o acesso a qualquer material, mas que hoje o acesso é mais fácil. Então cabe ao professor pesquisar e encontrar estratégias para com seu aluno.

Com as relações entre ficção e realidade que perfazem qualquer fato histórico registrado até mesmo pela literatura, fiquemos com as palavras de DI PAOLO aonde “A cabanos, em sua maioria morreram, mas a ideia cabana não morreu, vive desafiando e fermentando ainda hoje o processo político brasileiro”(DI PAOLO, 1986,p.380). Na verdade, a memória é um recurso que oferece matéria-prima para a transposição” (CELINA apud NUNES, 2003, p. 64).

Ademais fiquemos com o livro didático como instrumento pedagógico, referência sobre conteúdos selecionados, objeto cultural, documento histórico, mercadoria, o livro didático é certamente um objeto de grande complexidade. Ao serem utilizados pelos professores em sua prática docente, tais livros possibilitam leituras e contribuem para a produção de narrativas na busca da compreensão. Assim como afirmou um dos professores entrevistados, “aqui nos trabalhamos com o livro didático para pesquisa e apresentação de trabalhos, assim o livro didático é uma grande de conhecimento...”.

Por fim, a relação do livro didático com a cabanagem, como já foi mencionado no 3º capítulo deste trabalho, onde mostra a cabanagem de forma bastante empobrecedora. Vale ressaltar a entrevista da professora Vilma Barroso, “hoje em dia existem vários trabalhos feitos pelas universidades. Claro que o livro didático é pobre no assunto cabanagem e principalmente no que diz respeito a participação de Cametá. Mas é claro que cabe a nós professores, mestre e doutores em história escrevermos sobre a nossa própria história paraense”. Já que o governo do estado e nem do município, ainda não se adequaram para essa questão de introduzir a temática cabanagem no livro didático de uma forma bem mais ampla e nem tão formação para o professor nesse aspecto.

## FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA

### 1. FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

#### a) LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS:

ARAÚJO, Doralice Coelho. **O Pará e suas Trilhas Históricas**. ilustrações de Sergio Bastos.- Curitiba: Base Editora, 2008.

CAMPOS, Gislane e SERIACOPI, Reinaldo. **História**: volume único.—1. Ed.—São Paulo: Àtica, 2005.

AQUINO, Rubin Santos Leão de, LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos e PIRES, Maria Emília Barbosa Netto. **Você é a História**: Brasil 2: Do segundo reinado do Brasil atual. -Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1995.

CAMPOS, Flavio e MIRANDA, Renan Garcia. **A Escrita da História**: ensino médio: volume único. --1.ed. – São Paulo: Escala Educacional,2005.

BARBOSA, Senise , NAZARO, Newton Junior e PÊRA, Silvio Adegas. **Coleção Panorama da História**: ilustração Oswaldo Sequetin- Curitiba: Positivo, 2005.

MARQUES, Adhemar. **Coleção pelos Caminhos da História**; v.2. Curitiba: Positivo, 2005.

#### b) OBRAS QUE DERAM APOIO TEÓRICO METODOLÓGICO A PESQUISA:

BEZARRA NETO, José Maria. **A Cabanagem: A Revolução no Pará**. IN: ontos de Historia da Amazonia V.I.3ª ed. Ver. Ampl. Editora Paka- tatu. 2001.

DAVIES, Nicolas. **As camadas populares nos livros de Historia do Brasil**. In: O ensino de Historia e a criação do fato. Editora. Contexto, 2009, p.121 a 138.

DI PAOLO, Pasquale. 1939-Cabanagem; a revolução popular na Amazônia - 2ed. Belém, CEJUP. 1986, p.365 a 41.

HURLEY, Jorge. **A Cabanagem**, Livraria Clássica. 1936. Belém-Pará

PEREIRA, Izabel Cristina Palmeira. **Acará: faces e passos na Cabanagem 1755-1840**, UFPA, 2009.

PEREIRA, Izabel Cristina Palmeira. **A INSTRUÇÃO PÚBLICA E PRIVADA EM CAMETÁ - PARÁ E O ENSINO DA CABANAGEM**: verso e reverso. UFPA/Campus Universitário do Tocantins-Cametá, 2011 (Monografia de Especialização em Educação e Desenvolvimento Regional)

RAIOL, Domingos Antonio. **Motins Políticos ou a História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835.** 2 ed. Belém, Universidade Federal do Pará, 1970.3. v [1. ed.1865-1890, 5 v.]

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: Esboço do pensamento político revolucionários no Grao-Pará.** Belém, CEJUP, 1992.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará/Vicente Salles** – Belém: CEJUP, 1992. (Coleção Amazônica).

SCHIMIDT, Maria Auxiladora.”**A formação do professor de História e o Cotidiano em sala de aula.**” In: BITTENCOURT, Circe(org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2009, pp. 54-66.

TAMER, Victor, Chão Cametaense. 2Ed.-Belém: 1998. 60 p.il. 1.Dados Históricos.2. Crônica. p. 05-51.

## 2. FONTES ORAIS:

Alberto Mocbel, Cametá Pará.

Demitrius Braga, Cametá Pará.

Danuzio Pompeu, Cametá Pará

Felipe da Gama Lacerda, CametaPará

Benedito Coelho (Bina), 72 anos, Cametá-Pará

Isabel Trindade Correa, 72 anos, Cametá-Pará

Elza Miria dos Santos Cantão, 73 anos, Cametá-Pará

Domingas de Oliveira, 72 anos, Cametá-Pará

Vilma do Socorro Barroso Miranda, Cametá-Pará

Joana do Socorro Cardoso Gonçalves, Cametá-Pará

Izabel dos Santos Pinto, Cametá-Pará

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. “**Por que visitar museus**”. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 104-116.

BEZARRA NETO, José Maria. **A Cabanagem: A Revolução no Pará**. IN: *Contos de História da Amazonia V.I.3ª ed. Ver. Ampl. Editora Paka-tatu*. 2001.

BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens.**”In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009, pp.69-90.

DAVIES, Nicolas. **As camadas populares nos livros de História do Brasil**. In: *O ensino de História e a criação do fato*. Editora. Contexto, 2009, p.121 a 138.

DI PAOLO, Pasquale. 1939-Cabanagem; a revolução popular na Amazônia - 2ed. Belém, CEJUP. 1986, p.365 a 416

FERREIRA, Eliana Ramos. **As Mulheres na Cabanagem: presença feminina no Pará insurreto**. In *Faces da História da Amazônia*. Editora Paka-Tatu, Belém. 2006

FERREIRA, Eliana Ramos. *Em Tempo Cabanal: Cidade e Mulheres no Pará Imperial - primeira metade do século XIX*, PUC/São Paulo, 1999 (Dissertação de Mestrado em História)

FILHO, Armando Alves, et al. **Pontos de História da Amazônia/** Armando Alves Filho, José Alves de Souza Júnior, José Maia Bezerra Neto. – 3. Ed.rev.ampl. - Belém: Paka-Tatu, 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Os Cabanos, a Cabanagem, tantas versões (Prefácio)*. In: *Visões da Cabanagem. Uma revolta popular e suas representações na historiografia*. Manaus. Editora Valer. 2001

HURLEY, Jorge. **A Cabanagem**, Livraria Clássica. 1936. Belém-Pará

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Ruy Oliveira. Edições 70 Ltda. Lisboa, Portugal.

NUNES, Paulo. **Inglês de Sousa: dois dedos de prosa sobre a recepção da obra**, Asas da Palavra- revista de Graduação em Letras da Unama. Belém, v.7. n°15, p.61-68 jun.2003.

PECHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Maria Tereza (org) **Linguagem e Identidade Cultural**. João Pessoa: Idéia, 2009.

PEREIRA, Izabel Cristina Palmeira. **Acará: faces e passos na Cabanagem 1755-1840**, UFPA, 2009.

PEREIRA. Izabel Cristina Palmeira. A INSTRUÇÃO PÚBLICA E PRIVADA EM CAMETÁ - PARÁ E O ENSINO DA CABANAGEM: verso e reverso. UFPA/Campus Universitário do Tocantins-Cametá, 2011 (Monografia de Especialização em Educação e Desenvolvimento Regional)

RAIOL, Domingos Antonio. **Motins Políticos ou a História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. 2 ed. Belém, Universidade Federal do Pará, 1970.3. v [1. ed.1865-1890, 5 v.]

RICCI, Magda. **Do Sentido ao Significados da Cabanagem: Percursos Historiograficos**. Anais do Arquivo Publico do Pará. Belém; SECULT, v.4 t.1, 2001.

\_\_\_\_\_ **Um morto, Muita Mortes: a imolação de Lobo de Souza e as narrativas de eclosão cabana**. In: Faces da Historia da Amazonia. NEVES, Fernando Arthur de Freitas & LIMA, Maria Roseane Pinto(orgs). Ed. Paka-Tatu, Belém. 2006,p.p. 519-544.

RODRIGUES, Almir Pantoja. **A cabanagem na literatura de expressão amazônica produzida por Inglês de Sousa: uma análise do conto a quadrilha de Jacó patacho**, Moara: Revista dos cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém, n° 27, p. 159-170, jan./jun, 2007.

RUIZ, Rafael.” **Literatura: Novas formas de aborda o ensino de História**” In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010, pp.75-91.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: Esboço do pensamento político revolucionários no Grao-Pará.** Belém, CEJUP, 1992.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará/Vicente Salles** – Belém: CEJUP, 1992. (Coleção Amazônica).

SCHIMIDT, Maria Auxiladora. "A formação do professor de História e o Cotidiano em sala de aula." In: BITTENCOURT, Circe(org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2009, pp. 54-66.

SOUSA, H.M. Inglês de (Herculano Marcus Inglês), 1853-1918. **Contos Amazônicos/ Inglês de Sousa.** – Belém: EDUFPA, 2005 – (Coleção Amazônica).

TAMER, Victor, Chão Cametaense. 2Ed.-Belém: 1998. 60 p.il. 1.Dados Históricos.2. Crônica. p. 05-51.

**Sites:**

<http://www.historia.e.historia.com.br>

<http://escolaak.blogspot.com.br>

<http://www.bing.com|imagens|search|cabanagem>

<http://www.revista2.uepg.br>

# ANEXOS

## **ANEXOS I:**

### **QUESTIONARIO PARA OS ALUNOS**

- 1- Você já ouviu falar sobre cabanagem**
- 2- O que já aprendeu sobre Cabanagem**

### **QUESTIONARIO PARA OS PROFESSORES**

- 1- O que você já ensinou sobre Cabanagem e quais foram suas fontes**
- 2-O que você sugere para o ensino da cabanagem**

## **ANEXOS II:**

### **ENTREVISTAS REALIZADAS COM ESCRITORES E COMPOSITORES SOBRE REFLEXOS DA CABANAGEM EM CAMETÁ.**

#### **1. ENTREVISTA FEITA COM O POETA, ESCRITOR E COMPOSITOR ALBERTO MOCBEL**

O ano de 1835 é a marca da fase culminante do movimento popular que receberia o título de Cabanagem. Esse episódio da vida paraense precisa ser analisado com a isenção que a verdade merece. Devemos deixar de lado os princípios ideológicos; o interesse de grupos; a salvaguarda de nomes, a fim de que a história venha fazer jus aos que faziam refletir verdadeiramente a ânsia do povo pela liberdade plena e o afastamento amplo do jugo português. Os movimentos populares nascem sempre do descontentamento popular ocasionado por pequenos grupos que pretendem perpetuar-se no poder. O Brasil vivia sob o domínio português. Com a Adesão do Pará à Independência, crescia a esperança e a garantia de dias melhores ao nosso povo. Entretanto a formação da primeira Junta Governativa decepcionaria a expectativa popular. Vitor Tamer, autor da obra “Chão Cametaense”, assim

manifestou-se sobre o episódio: “... Veio daí à insatisfação pela composição da 1ª Junta Governativa, não só porque os verdadeiros nacionalistas, como Batista Campos (e outros) nela não ocuparam cargo importante, como ainda porque era notório que alguns deles eram tolerantes e simpatizantes pela continuidade do domínio luso na vida paraense...”. A repulsa popular cresceu mais ainda com a tragédia ocorrida no brigue “palhaço”, onde mais de uma centena de pessoas foram mortas covardemente a mando do inglês Greenfell, responsável pela Adesão do Pará. Essa maligna semente seria o estopim para o desencadeamento da revolta popular que receberia a denominação de cabanagem. Ainda segundo Victor Tamer, o primeiro grito da cabanagem ocorrera em cameté, tendo à frente o capitão José Francisco Alves. Uma nuvem negra pairava sobre o estado. De um lado a Junta Governativa, com a maioria tendendo e ainda subserviente à Corte Portuguesa e o Movimento dos Cabanos, com a maioria em busca da liberdade ampla e pequeno grupo movido pelo ódio em busca da represália, tendendo para a violência e os excessos. Analisando esses fatos chegamos à conclusão que Cameté tomou a posição que deveria tomar. A Junta Governativa que deveria ser o prisma da legalidade agia de modo a não contrariar os interesses lusos e o Movimento cabano dividido entre a luta justa pela liberdade e a ânsia da conquista pela força e pelos desmandos, através de pequenos grupos. Foi assim que os “legalistas” tentaram impor a cameté os ditames governamentais. Do mesmo modo como a minoria do Movimento Cabano tentou invadir Cameté para satisfazer sua sanha de violência.

Contra as forças governamentais não podemos resistir e contra os insurretos sobressai-se a estratégia do Padre José Prudêncio das Mercês Tavares que liderou a resistência, não permitindo que o povo cametaense viesse a ser molestado pela horda sanguinária. Em rápidos traços foi essa a participação de cameté no episódio Cabanagem.

### **A Samaumeira**

Segundo os historiadores, o Padre Prudêncio (como passou a ser conhecido), protegeu os pontos estratégicos da cidade, fazendo construir trincheiras de madeira com a finalidade de protegê-la da fúria dos Cabanos que em diversos pontos da Província vinham sacrificando vidas, saqueando e cometendo todos os tipos de violência. Assim, prevenidos, cameté livrou-se da tragédia.

Segundo as mesmas fontes uma das estacas floresceu e passou a constituir um marco da vitória de Padre Prudêncio. Conheci a samaumeira. Lembro-me de seu enorme tronco; de

suas longas raízes à flor da terra. Lembro-me ainda dos seus periquitinhos verdes que banquetavam-se com os frutos da velha árvore.

Tinha eu cinco anos de idade (1935) quando a seus pés foi celebrada a missa que marcaria o primeiro centenário da Cabanagem. Ainda tenho vagamente registrado na mente a figura do sacerdote celebrante, todo ricamente paratamentado. Meu pai enfatiotado; chapéu de massa na cabeça, ali estava juntamente como outros comerciantes, autoridades e gente do povo.

Em 1961, a samaumeira já desgastada pelo tempo, tombou.

Em 1985 a municipalidade plantou uma nova samaumeira a cerca de cinqüenta metros do local onde florescera a original. Essa providencia foi salutar a fim de que a nova e as futuras gerações tenham motivo para lembrarem-se do memorável feito que dera a Cametá o título de Cidade Invicta.

## **2. ENTREVISTA REALIZADA COM ESCRITOR E COMPOSITOR DEMITRIUS POMPEU BRAGA**

Essa história tem dois momentos né...? Não existe nenhuma dúvida de que aqui em Cametá surgiu o ideário da Cabanagem, na verdade não para ser um movimento no sentido de que acabou se tornando, era movimento na tentativa de valorizar o povo da terra, não era de fazer uma guerra, mas de valorizar o povo da terra. E essa idéia que surgiu aqui com um dos personagens que deu o grande passo chama-se Antônio Braga que se vestiu em um cavalo de D. Pedro e saiu pelas ruas da cidade, desfilando e chamando o Imperador de cavalo, ou seja, chamando os portugueses, ele representava principalmente D. Pedro I que era português, então neste momento ele representava todos os portugueses. A partir da idéia de Antônio Braga que morava na cidade de Cametá começaram a se pensar e discutir a possibilidade de se mudar, de se alterar o panorama sócio-político do estado, e como cametá sempre foi uma terra de intelectuais, uma terra muito bem politizada, essa idéia daqui começa a ganhar corpo em outros municípios como Barcarena, Acara, Abaetetuba, Santarem. A partir daí a idéia ganha corpo, ganha forma, ganha vida... e então se chega a eclosão do movimento cabano. Cametá foi a dona dessa idéia e também foi quem forneceu mão-de-obra para a batalha e forneceu também alguns líderes. Quando os cabanos tomaram o poder, derrubaram Lobo de Souza...nós tínhamos um cametaense que tinha sido o deputado estadual mais votado, Angelo Custodio Correa, e como ele foi o deputado mais votado ele assumiria naturalmente a

Presidência do estado,...Belém sitiada, invadida...os belenenses é...torturados e quase que aniquilados todos, Belém se tornou “um mar de sangue”, houve até algumas tentativas de invadir Belém...Então, o povo cametaense por ser muito bem politizado não queria o fim da nossa capital, ele não queria o genocídio das pessoas, mas apenas a alteração na forma de governar, Cametá propunha na verdade uma reforma na estrutura política. E quando os cabanos chegaram ao poder nos remete até aquela estrela vermelha, que quando chega ao poder não sabe o que fazer, assim aconteceu com os cabanos. Ao chegar no poder não tinham nenhum projeto político porque a cabanagem não surgiu como movimento político de tomada de poder e sim de reformar o poder. Então, como tomaram o poder não sabiam o que fazer com ele. Quando aconteceu esses desmandos, esses desvarios na capital, cametá tinha um deputado que seria o presidente. Então, o que cametá fez? Traiu a Cabanagem? Não, Cametá não foi traidora da cabanagem em hipótese alguma, apenas se botou contra o genocídio. Cametá trouxe a sede do governo pra cá por onze meses e vinte e um dias de maio de uma ano a maio do outro ano. Então, neste período o presidente da província era um cametaense. Infelizmente, nesse período aconteceu o problema da Cólera e Ângelo Custodio volta para cametá para salvar seus irmãos. Porém, no retorno de Cametá para Belém ele foi acometido da doença de Cólera e chega até Belém morto. Antes de falecer realizou duas façanhas heróica: uma de salvar a legalidade do estado e a outra de salvar todo um povo de uma terra e então foi dado a esposa dele o Título de condessa e é... Ela morava no palacete azul que foi a casa que recebeu a família imperial em visita em Belém. Então, qual foi à participação de cametá na Cabanagem? Cametá foi quem surgiu com a idéia e foi quem acabou com a idéia quando foi mal interpretada e mal utilizada. Então, quando alguém colocar Cametá traiu a cabanagem! Não, foram os cabanos traíram a cabanagem e Cametá se retirou do movimento. Esta é a minha interpretação!